

Síntese crítica do texto:

PROJETO DE ARQUITETURA: ENTRE CRIATIVIDADE E MÉTODO
Vicente Del Rio

“Arquitetura é mágica, do papel branco surgem as formas”

Oscar Niemeyer em entrevista na tv, mar. 2003

O texto levanta uma questão bastante presente nas discussões do ensino da arquitetura, o método de ensino e por outro traz a tona um grande fantasma aos alunos de arquitetura que é o caminho da criatividade. Sem dúvida, a idéia de que a criatividade surge do vazio, o chamado “insight”, como defende Niemeyer na frase acima, sugere passividade no aprendizado. O aluno fica aguardando que uma bela invenção (parafraseando os renascentistas) lhe surja sem que sejam necessários o exercício e a dedicação. O “dogma de que arquitetura se aprende fazendo e só depende da criatividade e inspiração” (Del Rio, 1998) parece um conceito frágil e conformista, mas que persiste até hoje nas instituições de ensino.

O “carimbo” do modelo curricular não é mais obrigatório, no entanto, os cursos não conseguiram dar identidade que conformassem um modelo adaptado a cada realidade particular. Parece que falta uma nova metodologia que oriente os próprios docentes nos trabalhos de atelier. O autor argumenta que o método do atelier, comum nas escolas de arquitetura, é baseado na relação mestre-aprendiz e que o estudante precisa acreditar na capacidade de projeto do professor para o desenvolvimento de seu próprio processo de projeto e este poucas vezes fica explicitado (Salama, 1995). Esta situação leva o aluno a uma relação de subordinação e dependência pouco estimulante a concepção de idéias. Além disso, torna o ato de projetar algo subjetivo e individualista. Esta individualidade artística, por sua vez, fomenta um conflito no chamado triângulo de Vitruvius que defende o equilíbrio entre três aspectos na arquitetura: Durabilidade, Beleza e Convivência. A primeira é bastante técnica e objetiva, a segunda é a mais popular e na qual o arquiteto enfoca seu ideal artístico e a última, a Convivência, corresponde a satisfação do usuário. Esta última é a que mais o arquiteto sacrifica em prol de conceitos próprios de “como a arquitetura deve ser” em detrimento dos valores e costumes locais ou pessoais do usuário.

Os princípios do ensino de projeto focado pela escola de Belas Artes e Modernista ainda persistem até hoje e embora apresentem diferenças ideológicas, as lacunas deixadas por um foram ocupadas pelo outro formando uma didática híbrida que enfatiza sentimentos pessoais e capacidade imaginativa. O saber arquitetônico praticado, no atelier, se aproxima do saber popular, como apresenta o trabalho de Ander-Egg, assim os aspectos sensitivos, criativos e subjetivos prevalecem distanciando o ato de projetar de procedimentos científicos. “Não se trata de negar a criatividade no processo de projeto, mas de admitir que ela pode ser

desenvolvida, educada pelo conhecimento, pelo treinamento...” (Del Rio, 1998). É dessa forma, que é defendida pelo autor, a substituição do processo de projeto da caixa preta pela caixa de vidro, ou seja, o processo mental obscuro, desconhecido dar lugar a um processo explícito e transmissível com métodos definidos.

Outra questão são as relações interdisciplinares. As diferentes disciplinas do curso não devem ser meros apêndices para a disciplina de projeto, mas a base para constituição de um processo dedutivo, crítico e real. Do ponto de vista de doutrina projetual, ele aponta os métodos de composição de Mhafuz, baseados na progressão das partes para o todo e que se apresenta de quatro formas utilizando a analogia no processo de criação:

Método inovativo: resolve-se a arquitetura de maneira diferente da usual, busca-se o inédito. Ex. Oscar Niemeyer, F L Wright.

Método tipológico: pressupõe a existência de constantes formais, organizacionais ou estruturais. Ex. Aldo Rossi

Método mimético: imitação de modelos existentes, revivalismo estilístico. Ex. Alvar Aalto, F L Wright.

Método normativo: as formas são criadas com auxílio de normas estéticas, princípios reguladores como geometrias pré-determinadas. Ex: Mies Van der Rohe, Le Corbusier.

O processo de projeto pode, portanto, ser mais científico, metodológico, avaliável, onde a criatividade participa (não conduz) e é estimulada pela lógica do caminho condutor do projeto. Ele aponta como um dos métodos atuais mais eficientes na condução do projeto, a avaliação pós-ocupação. Essa metodologia consiste, como o nome já diz, numa análise de edificação em uso a fim de apoiar novos projetos de mesma natureza. Ela se apóia na investigação tecnológica, funcional e psico-comportamental da edificação.

Na última parte do livro, o autor expõe sua experiência pessoal, aponta a participação comunitária e a ideologia humanista-contextualista como condutoras de seu trabalho. Ou seja, uma arquitetura centrada no homem e seu contexto, adotando diagnósticos de área, da viabilidade do tema, incluindo entrevistas com moradores do local da intervenção. Esmiuçando sua metodologia, ele estimula a investigação de temas tradicionais (lei do uso do solo, circulação, programas etc.) e que ele nomeou de não-tradicionais (morfologia, tipologia, comportamento, paisagem visual etc.). Acredita que com esse método sistematizado, os alunos têm uma compreensão total do processo projetual, desenvolvem uma consciência dos resultados e a criatividade permanece presente. Ele conclui dizendo que o fundamental para o ensino do projeto é desenvolver metodologias que, sem impedir a manifestação da criatividade, promovam a compreensão da relação do homem e seu meio. No entanto, o que o texto não esclarece qual o caminho da criatividade de fato, ele apenas aponta seu papel dentro do método, mas não como desenvolve-la.